



CAIO RITER

A Filha das Sombras

edelbra

A FILHA DAS SOMBRAS

CAIO RITER

A Filha das Sombras

Ilustrações de Mateus Rios



Copyright © 2011 Edelbra

COORDENAÇÃO EDITORIAL – Caio Riter e Elaine Maritza da Silveira

CAPA – Laura Guidali Amaral

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO – Juliana Dischke

ILUSTRAÇÕES – Mateus Rios

REVISÃO – Elaine Maritza da Silveira (Conforme Novo Acordo Ortográfico)

IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Edelbra Gráfica Ltda.

1ª EDIÇÃO, 3ª IMPRESSÃO

CATALOGAÇÃO NA FONTE: PAULA PÊGAS DE LIMA CRB 10/1229

R597f Riter, Caio
 A filha das sombras / Caio Riter ; ilustrações de Mateus Rios. – Brechim:
 Edelbra, 2011.
 152 p. : il. ; 16 x 23 cm. – (Coleção Medo, v.2).

 ISBN 978-85-360-1163-9

 I. Literatura infantojuvenil. I. Rios, Mateus, ilustrador. II. Título.
 III. Série.

CDU 087.5

2013

Edelbra

www.edelbra.com.br

Central de atendimento:

51 22118 4404 | cae@edelbra.com.br

Todos os direitos reservados.

Nen uma parte deste livro pode ser reproduzida ou copiada,
por qualquer meio, sem a permissão por escrito da editora.



SÁBADO, 07 DE AGOSTO

· 9 ·

DOMINGO, 08 DE AGOSTO

· 16 ·

SEGUNDA, 09 DE AGOSTO

· 27 ·

TERÇA, 10 DE AGOSTO

· 37 ·

QUARTA, 11 DE AGOSTO

· 42 ·

QUINTA, 12 DE AGOSTO

· 52 ·

SEXTA, 13 DE AGOSTO

· 62 ·

SÁBADO, 14 DE AGOSTO

· 85 ·

DOMINGO, 15 DE AGOSTO

· 93 ·

SEGUNDA, 16 DE AGOSTO

· 103 ·

TERÇA, 17 DE AGOSTO

· 113 ·

QUARTA, 18 DE AGOSTO

· 116 ·

QUINTA, 19 DE AGOSTO

· 135 ·



ED E L B R A

*Tudo são sombras;
só sombras as sombras são.
E ela também*

C.C. Rethir

SÁBADO, 07 DE AGOSTO

Nasci numa sexta-feira.

Numa sexta-feira de lua cheia, enorme, toda redonda no céu.

Nasci numa sexta-feira e nem bem dei meu primeiro grito de vinda ao mundo, nuvens grossas, espessas, escuras, caíram sobre a casa.

Uma tempestade nunca antes vista em Porto Alegre desabou sobre a cidade. Águas descendo morros, provocando alagamentos e invasões de casas. Carros boiando, móveis boiando, ratos boiando. Gente morrendo.

Era sexta-feira, agosto, dia 13. E meu nascimento parece que não provocou bons auspícios. Ao contrário. Ao invés de trazer luz, como todo o bebê, eu trouxe mesmo foram sombras.

Trevas.

Não me perguntem como sei isso tudo, como sei que no dia do meu nascimento essa tormenta desabou sobre mim e sobre a vida. Eu sei e pronto. Ninguém me contou. E nem precisava. Eu sempre soube.



As imagens do dia do meu nascimento me invadem em sonhos, me fazem despertar durante a noite, me enchem de medo e, ao mesmo tempo, de uma alegria tremenda. Assustadora. Me seduzem as imagens das águas arrastando tudo e todos.

Não existe mais noite de sono descansado desde que nasci.

Sexta vai fazer quinze anos que isso aconteceu. Quinze anos também que meu pai morreu. Um pai que nunca pôde me pegar no colo, me fazer carinho, me ver crescer. Ele só vem em sonho. Assim como aquela noite de águas e de choro. Ele vem, me sorri, me olha com grande olhos azuis, iguais aos meus, fala coisas que eu não consigo ouvir. Parece que meus ouvidos estão lacrados. Sei que ele me diz algo importante, sei que o som de suas palavras chega até mim, mas não entra em meus ouvidos. Estou blindada ao que ele quer me dizer. E acordo desesperada, e tento adivinhar sua fala, e procuro ler seus lábios, e nada. Só o silêncio e a angústia dos olhos dele ao perceber que não o escuto.

Que não o escuto.

Não escuto.

Não escuto.

Não.

Meu pai morreu num acidente de carro naquela noite de temporal horrível, quando corria para casa para ver a filha que nascia: eu. E, por causa da chuva (e por minha causa também), o carro bateu num poste e pegou fogo, virou fogueira e meu pai lá dentro, preso às ferragens, para sempre levando com ele o afago que me trazia e que nunca pôde dar. O meu primeiro afago.



SÁBADO, 7 DE AGOSTO

• II •

Talvez, por isso (mais por isso, acho, do que pela ausência da minha mãe), eu sempre me senti meio turista nesse mundo, meio alienígena em tudo que faço. Me sinto diferente, torta, estranha. Não é à toa que o Dimas e o Werner Werner, aqueles idiotas, vivem debochando da minha cara, me chamando de A Estranha. Não revido, sei que sou mesmo. Pelo menos é assim que me sinto: estranha.

Só a Bete, acho, e o Tito não me veem assim. Devem ser cegos, ou tão estranhos quanto eu. Sei lá. Já deixei de tentar me entender, de saber o porquê de minha mãe ser tão distante de mim, de só aparecer pra me ver uma vez por ano.

Houve um tempo em que eu cheguei a acreditar que ela não me amava, porque eu matei o meu pai. Hoje já não penso assim. Mas também não sei o que eu penso, ou deva pensar, sobre as atitudes dela. Não é comum uma mãe largar a filha recém-nascida com sua tia-avó e sumir da vida dela. Foi isso que a Alice fez.

Mas sexta-feira vou fazer quinze anos. E, agora, o vento uiva lá fora, faz frio. Bastante frio. Por isso prefiro ficar aqui, presa no quarto, apesar de, há pouco, a Bete ter me ligado pra convidar pra uma noite lá na casa dela. Vão o Tito, a Penny Lane, a Irene.

– E o Daniel? – eu perguntei.

– O Daniel disse que não pode.

– Ah – suspirei, meio sem saber direito o que dizer.

– Você vem? – Bete insistiu.

– Ah, não sei. Talvez.



Não fui.

Eles devem estar lá, rindo e jogando *Imagem e Ação*. Eu aqui na cama. Eu, o Puquerel e Augusto dos Anjos. Gosto dos poemas dele. Às vezes, acho que ele se sentia como eu me sinto: uma estrangeira num mundo que não me entende.

Mas, sexta-feira, faço quinze anos.

Sexta-feira, tia Tânia vai me acolher com um bolo de chocolate.

Sexta-feira, exatamente às 13h, um leve toque de dedos na porta (ela jamais usa a campainha, parece temer o ruído estridente, parece adorar a discrição), Alice chegará. Rotina que se repete todo o ano. Único dia em que minha mãe vem me ver. Há vezes que sinto vontade de fugir, só pra não precisar dar um oi pra Alice, só pra não precisar receber o abraço sem afeto da Alice, só pra não ter que dizer obrigado quando ela me estender algum presentinho. E se ela chegasse e eu não estivesse aqui? Será que iria notar minha ausência? Duvido. Acho que ela apenas cumpre uma tarefa. Aliás, nem sei por que cumpre tão rotineiramente essa obrigação de ser a mãe que nunca foi. Não sei. E acho que nem quero mesmo saber. Nunca falei com tia Tânia sobre isso. O que a Alice pensa ou deixa de pensar pouco me importa. Não preciso da migalha de carinho que ela me oferece.

Quer dizer.

Preciso sim. Pra mim mesma não preciso mentir.

Por isso, não fujo. Por isso, fico esperando que ela bata na porta com os nós dos dedos magros (ela é muito magra) e que ela



SÁBADO, 7 DE AGOSTO

me abraça, e diga com aquela voz macia (ela tem uma voz doce, envolvente): *Feliz aniversário, Dora*. Depois, ela sorri para tia Tânia, abraça-a com uma força maior do que toca em mim e pergunta se ando aprontando muito. Ah, *Dora, você está uma mocinha*, ela diz e seus olhos escuros (ela tem olhos muito pretos) cruzam com os da tia. Ambas sorriem. Parece que há um código secreto de olhares entre elas. Código a que eu ainda não tenho acesso. Ainda.

A verdade é que a presença da Alice me atrai, não me deixa fugir, não deixa que eu me esconda na casa da Bete, ou sei lá de quem. Fico sempre esperando que seja diferente, que ela me abraça forte, que me dê colo de mãe, que me fale de sua vida, por onde ela anda, o que faz.

Mas não.

Alice é fria, convencional. Mais pergunta pela minha vida do que fala da sua. Misteriosa sempre. Algo esconde atrás daqueles olhos negros de longos cílios. A pele muito branca (como a minha) é máscara de gelo. Nada transmite, nada entrega. Talvez eu tenha sido apenas um acidente em sua vida, alguém não desejado que, de repente, apareceu pra perturbar seus planos.

O que acho mais lindo em minha mãe são os longos cabelos (ela tem cabelos muito lisos, muito negros, que lhe caem pelas costas feito um véu). Os meus cabelos são crespos. Escuros como os dela, mas crespos. Como os do meu pai.

Me mexo na cama. Puquerel se enrosca em meus pés. Ronrona. Por vezes, acho que ele não é apenas um gato preto



que eu ganhei da Tia Tânia quando fiz cinco anos. É mais. Não sei bem o quê. Mas é mais.

Bom, essa sou eu: Dora, uma menina que vai fazer quinze anos, órfã de pai. Órfã de mãe viva. A estranha do colégio. Aquela que odeia os cabelos lisos e loiros da Jeanine. Aquela que ama o Daniel. Aquela que só tem dois amigos: o Tito e a Bete. Aquela que tem uma tia-avó que a ama e um gato que a protege. Eu disse isso? Um gato que a protege? Aliso os pelos do Puquerel e me pergunto se será esse o algo mais.

Na sexta 13, farei quinze.

Amanhã, domingo. Se não chover, acho que convido a Bete pra vir aqui, ou vou à casa dela. Apesar da mãe dela. Uma mulherzinha metida à besta. Cheia de ordens. A gente não pode comer no quarto, não pode pôr os pés sobre o sofá, não pode fechar a porta do quarto, não pode deixar coisas espalhadas pela sala, não pode esquecer pontas de lápis ou farelos de borracha sobre a mesa ou sobre o tapete. Enfim, uma chata.

Já a tia Tânia não liga pra essas coisas.

E a Alice ligaria? Acho que eu até preferiria ter uma mãe chata como a da Bete, enchendo minha paciência o dia todo, do que ter a Alice, que só aparece uma vez a cada 365 dias.

Sinto uma ardência no braço, olho a mancha. Ela está avermelhada.



SÁBADO, 7 DE AGOSTO

DOMINGO, 08 DE AGOSTO

Tia Tânia saiu, disse que ia à missa. Todo domingo ela vai rezar. Fala que reza por mim, pela Alice, pelo meu pai. Eu não gosto de missa, me sinto meio sufocada por aquele cheiro de velas, pelas orações, pelos cânticos. Parece tudo tão medieval, tão pouco moderno. Até já tentei ir com a tia, tentei rezar pelo meu pai. Só por ele, que a Alice não merece. Acho que não merece. Sei lá. Mas não deu. Prefiro ficar em casa e rezar por aqui mesmo. Quer dizer, rezar-rezar não, que não consigo decorar oração alguma. Tenho dificuldade enorme pra conseguir guardar na memória qualquer reza. Aí, não faço essas decoradas, tipo Ave Maria ou Pai Nosso. Acabo fazendo as minhas, que, na verdade, são mais conversas com o meu pai, pedidos pra que ele se esforce pra eu poder ouvir o que ele tem pra me dizer.

Me levanto e ligo pra Bete.

Eu:

– Oi.

Bete:

– Oi, pena que você não veio ontem. Tava bem legal.

Eu:

– Ah, não deu. Tava muito cansada. Tava frio.

Bete:

– O Dani acabou vindo. Até perguntou por ti.

Eu:

–



Bete:

– Você ouviu o que eu disse, Dora?

Eu, engolindo a surpresa-decepção:

– Ouvi, ouvi.

Bete:

– E?

Eu:

– Ah, Bete, sei lá. Tá, vou perguntar: e quando você disse que eu não ia?

Bete:

– Como é que eu ia dizer, se eu não sabia que você não vinha? Disse que você vinha. Ele esperou, jogou um pouco com a gente. Depois disse que tava tarde e foi embora. Acho que decepcionado.

Eu:

– Jura?

Bete:

– Juro. Cruz de pau, cruz de ferro.

Rimos as duas. Aí, convido a Bete pra vir aqui em casa, mas ela diz que tem almoço na casa da vó dela e coisa e tal.

– Se der, à tarde passo aí, tá?

Saio caminhando pela casa, Puquerel me segue. Depois que minha tia me deu ele, nunca mais me senti sozinha nessa casa. Apesar da floresta.

Abro a porta da frente. A rua está deserta, como sempre. Minha tia gosta de isolamento, por isso, me disse ela, nós moramos



DOMINGO, 8 DE AGOSTO

nesse bairro mais afastado, o que, muitas vezes, dificulta que eu me desloque, que o pessoal da escola apareça por aqui. Sempre eu é que acabo indo onde eles estão. Mas confesso que não me agrada muito estar no meio dos meus colegas. Sobretudo se os idiotas-reis estão junto: Dimas e Werner Werner, a dupla mais asquerosa que já encontrei em meus quase quinze anos de vida. Uns chatos. Sempre fazendo gracinha com quem quer que seja. Ah, que vontade de dizer: *Cresçam e apareçam, seus abobados*. Mas acabo ficando quieta, como todo mundo. Só o Daniel os enfrenta. Só o Daniel. O Daniel.

Ah, se eu soubesse que ele iria à noite na Bete. Ah, se eu soubesse que iria perguntar por mim. Ah, se eu soubesse. Tem coisas que eu sei de mais: sei tudo sobre o meu nascimento e um tanto mais de situações que vivi numa idade que não deveria lembrar. Mas lembro. Todavia, de outras coisas sei tão pouco: do que o Daniel sente por mim, do poder que minhas palavras às vezes têm pra cometer o mal.

Um arrepio percorre meu corpo. A mancha em meu braço arde, queima como ferida feita com ferro quente. Fecho a porta, o céu tá cinza. Talvez venha mais e mais chuva. Tomara que não seja uma tormenta igual àquela do dia em que eu nasci. Se chover, aí, com certeza, a mãe da Bete não vai deixá-la vir aqui passar a tarde comigo. E eu preciso falar com a Bete, saber detalhes da pergunta do Daniel. Se ele perguntou com carinho, com curiosidade? Se perguntou como quem finge que nem tá aí, que tá só



perguntando por perguntar? Pois, se ele perguntou como quem finge que nem tá aí, como quem tá só perguntando por perguntar, é porque ele tá interessado em mim. Afinal, quando a gente tá a fim de algo ou de alguém e não quer dar bandeira, a gente finge que tá perguntando, mas que nem tá aí pra resposta. Pelo menos, comigo é assim.

Meu coração dispara.

O Daniel perguntou por mim. Quer alegria maior que essa? Acho que até foi melhor eu não ter ido na Bete. Se eu fosse, o Daniel não iria perguntar por mim e eu não ia saber que ele tinha perguntado por mim, porque ele não precisaria ter perguntado. Ah, que confusão.

Volto pro quarto, abro um livro de poesia. Por vezes, só as palavras do poeta me confortam. Apesar.

*Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.*

Acho que durmo, não sei. Abro os olhos e procuro ouvir ruídos da tia Tânia.

Nada.

O domingo dorme na rua deserta. Ouço novamente, e só agora me dou conta, o ruído do motor de um carro. Parece que parado aqui em frente de casa.



DOMINGO, 8 DE AGOSTO

Espio pela janela.

Meu coração dispara.

O carro.

O carro do meu pai. Um carro igual ao do meu pai, o mesmo carro que ele bateu contra o poste e explodiu na noite de temporal (e meu pai dentro) está parado bem em frente ao portão.

Um homem desce dele. Homem não. Uma sombra, mais sombra do que homem. Sobre o corpo alto, grande, largo, uma capa negra que quase arrasta no chão. Sinto medo. Sinto desejo de fuga. Sei que aquele que caminha em direção à minha casa nada traz de bom.

Um capuz cobre o rosto da sombra.

Puquerel mia alto, quase rosna, pelo todo eriçado. Ele sente o mesmo que eu. Sente.

E se ligar pra tia Tânia? Procuo o celular, mas antes que possa fazer qualquer movimento, a campainha soa. Um toque, dois, vários. Pulo sobre a cama, encolho as pernas, encolho os braços, encolho os pés, me encolho toda, enquanto Puquerel sai do quarto.

Fico sozinha, coração feito cavalo solto no campo.

Silêncio.

Apenas os miados soam pela casa, vindos sei eu lá de onde.

Chamo:

– Puquerel.

Chamo baixo. Não quero revelar que há alguém em casa. O homem-sombra talvez ainda esteja à espreita. O ardor na mancha





A Filha das Sombras



Estas estranhas mulheres que têm poderes sobre a natureza, que são capazes de gerar vida e morte, senhoras dos feitiços, seres capazes de voar sobre vassouras e de se transformar em pássaros negros são as bruxas. Diante de uma delas, só podemos mesmo temer.

edelbra

ISBN 978-85-360-1163-9



9 788536 011639